

## “No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton”, sob a ênfase do Portal UOL<sup>1</sup>

Adriana Karolina da Silva MIOTTO<sup>2</sup>

Indiara FERREIRA<sup>3</sup>

Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG

### RESUMO

Os primeiros destaques sobre a tática Black Bloc no Brasil surgiram durante as grandes ondas de manifestações do segundo semestre de 2013, a partir do aumento das faturas de ônibus. Este trabalho relaciona a teoria Instrumentalista do Jornalismo, conforme Traquina (2005), a violência simbólica e a teoria do *habitus* defendidas por Bourdieu (2001) para analisar a “No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton”, publicada em 06 de dezembro de 2013. Merecem atenção os sinais de violência simbólica e a degradação da imagem do grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Black Blocs; Portal Uol; Teoria Instrumentalista; Violência Simbólica; Biocomunicação.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto dos trabalhos desenvolvidos no Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação, da Universidade de Uberaba, (NUPENTEC/UNIUBE), na linha de estudo e pesquisa de Biocomunicação. A linha visa discutir processos comunicacionais e tratar de temas que discutam a sobrevivência humana e suas relações.

O ano de 2013 foi marcado pelas manifestações populares que lotaram praças e ruas em todo Brasil, reunindo milhões de pessoas em protestos dos mais variados. Dentre as bandeiras, saúde, educação, melhorias de infraestrutura, gastos da Copa, dentre outras. À esteira desse movimento, as manifestações trouxeram os Black Blocs, tidos não como uma organização ou grupo social, mas sim como uma tática de protesto que visa principalmente a destruição de símbolos capitalistas como efeito simbólico de protesto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo na Universidade de Uberaba (Uniube), integrante Nunpetec/Uniube – Biocomunicação. email: [dricamiotto@gmail.com](mailto:dricamiotto@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Uniube. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran). Pesquisadora Fapemig. Integrante do Nunpetec/Uniube - Biocomunicação. email: [indiara.ferreira@uniube.br](mailto:indiara.ferreira@uniube.br)

O objetivo deste trabalho é demonstrar como os adeptos da tática Black Blocs foram retratados pelo portal de internet mais antigo do Brasil, o Universo Online (Portal Uol), a partir da reportagem “No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton”, publicada em 06 de dezembro de 2013.

Como objetivos específicos, pretendeu-se analisar o contexto histórico do surgimento da tática Black Bloc, seus ideais, suas características no Brasil, descrevendo suas raízes e ações durante as manifestações.

A justificativa que norteou a pesquisa relacionou-se à compreensão e à conscientização de professores e alunos dos cursos de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, sobre a abordagem jornalística e os impactos causados, em especial, por meio de seus discursos. Esta pesquisa tem relevância, pois servirá de reflexão em relação aos discursos violentos, referentes à negação do Outro como sujeito moral.

Os procedimentos técnicos da pesquisa exploratória, conforme Gil (1991), foram a pesquisa documental, que apresenta a reportagem publicada do Portal Uol já mencionada nesta introdução, e a pesquisa bibliográfica, a partir dos autores Felipe Pena (2007) e Nelson Traquina (2005), com ênfase para a Teoria Instrumentalista do Jornalismo e Bourdieu (1989) com os conceitos de violência simbólica e *habitus*.

## 2. A TEORIA INSTRUMENTALISTA

Pena (2007, p.146) explica que o “instrumentalismo parte de um paradigma de pesquisa baseado nos chamados estudos da parcialidade, cujo objetivo é verificar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos”. Os pensamentos opostos, defendidos por autores distintos mostram o grande paradoxo entre as duas vertentes. Traquina (2005) também disserta sobre a teoria.

Assim, nas *teorias de ação política*, os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certo interesses políticos: na versão de esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Seja de esquerda ou de direita, essas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão de mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005, p. 163).

Pena (2007, p.147) cita trechos de Traquina (2005), que apontam fatores que explicam e intensificam a visão de esquerda da teoria, como “a ideologia anticomunista

predominante entre a comunidade jornalística e a natureza de ações punitiva dos poderosos”. Para Traquina (2005, p. 64) a visão de direita que vai contra a de esquerda, como o fato de que, “em muitas empresas jornalísticas, raramente os donos de jornal se encontram com os diretores e que os jornalistas têm um grau de autonomia e iniciativa que muitas vezes incomoda a elite”.

De todo modo, percebe-se a liberdade cerceada pelo interesse de grupos opostos que agem de forma velada utilizando os jornalistas como instrumentos. Mais uma vez, o interesse coletivo fica em segundo plano, em razão dos interesses individuais.

### 3. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E TEORIA DO HABITUS

Violência simbólica é um conceito desenvolvido pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, que viveu entre os anos de 1930 a 2002, se tornando um grande estudioso da área social e antropológica. Seu conceito de violência simbólica é contemporânea e pode ser constantemente observado na prática, dentro de nossa sociedade.

A disseminação da violência simbólica através da mídia funciona implantando uma ideia que é disseminada como correta para um grande número de pessoas de modo contínuo. Com essa constante reafirmação da ideia proposta, o indivíduo é levado a encará-la com real e comum, pois esta se torna parte do cotidiano do mesmo, que por sua vez a toma como legítima e a reproduz em seu grupo social e esse ciclo continua afetando mais e mais pessoas que seguem a mesma linha de raciocínio. Essa ideia mascarada, capaz de influenciar ações e causar danos morais e psicológicos é chamada de violência simbólica.

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 1999, p. 240)

Assim, podemos afirmar que nenhuma ideia é completamente nossa, é um molde de tudo que absorvemos e do quanto podemos ser manipuláveis. Segundo Bourdieu (1989) nem o próprio gosto nos pertence: “O gosto é o princípio de tudo o que temos (pessoas e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados” (1989, p. 59).

Para tanto, Bourdieu (1989) também estabelece a violência simbólica como um mecanismo de controle social, através do qual tanto dominador quanto dominado atuam de forma a não perceber os atos. Por isso, simbólica, pois não é descaradamente percebida, como violência corporal ou verbal. Conjunto ao ato de violentar simbolicamente, está a ideia de hegemonia, caracterizada por um padrão de conduta, comportamento ou forma de ser.

A teoria do *habitus* corresponde a um conceito que surge da necessidade de entender os modos pelos quais certas disposições e esquemas de classe são incorporados a práticas cotidianas dos indivíduos, isto é, apreende-se esse conceito como a lógica específica de articulação do individual e do coletivo. Bourdieu (1999) apresenta o *habitus* como uma estrutura interna sempre em via de reestruturação, isso corresponde a ideia que ela se dá em etapas e que ela se ajusta a novas situações.

A primeira etapa de socialização é denominada de *habitus* primário como conjunto de ações, pensamentos, palavras adquiridas no grupo familiar que interiorizamos certas propriedades ligadas as condições sociais de nossos pais. A segunda etapa considerada como *habitus* secundários como conjunto de esquema de percepção que se sobrepõem ao primeiro *habitus*. Essa segunda fase o *habitus* escolar tende a continuar e redobrar o *habitus* primário. Ao concebermos essa articulação de conceitos e etapas resulta no desenvolvimento da ideia de que a personalidade individual acaba por ser uma variante do *habitus* de classe. O *habitus* será uma das forças reprodutoras do gosto ou do estilo de vida, e que o adorno será apenas a materialização de uma série de capitais desigualmente distribuídos. (BOURDIEU, 1999, p. 146)

Portanto, entendemos que a apreciação dos objetos simbólicos será guiada por duas forças que se constituem dentro do campo de bens simbólicos, uma é o *habitus* primário, a família e sua posição de classe, que configura as percepções ou gosto dos indivíduos como forma de reprodução de um gosto de classe, a segunda força é a lógica própria dos bens culturais, isto é, o mercado de bens culturais.

#### 4. A TÁTICA BLACK BLOC

A ideia do Black Bloc como uma tática de protesto tem seu histórico ligado ao grupo de estudantes conhecido como SDS (Students for Democratic Society) que protestaram, nos EUA em 1969, pelo fim da Guerra do Vietnã. Mas a estética e a marca definitiva adotada se consolidam na década de 1980, mais notadamente durante a visita do presidente americano Reagan à Berlim, em que os alemães protestaram conta a

Guerra Fria e o programa militar dos países desenvolvidos. Na época, o uso da roupa preta, máscaras e manifestação em bloco – sempre na ponta de lança dos protestos – aliaram-se ao ataque a símbolos do capitalismo

Em se tratando da história dos Black Blocs, de acordo com o cientista político francês que estuda o grupo por mais de uma década, Dupuis-Déri (2014), para muitos de seus participantes, a tática possibilita que eles expressem uma visão de mundo e uma rejeição radical ao sistema político e econômico, mas, nem por isso, são ingênuos ao ponto de achar que essa ação pode desenvolver uma teoria geral da sociedade e da globalização capitalista. “Em suma, o termo Black Bloc representa uma realidade mutável efêmera, pois se trata de um grupo autônomo onde não existe um líder ou ordem hierárquica, prezando assim a igualdade e a liberdade” (Dupuis-Déri, p. 64).

Outra característica que envolve os Black Blocs é a não formação institucional de um grupo organizado ou a filiação a outras entidades.

Portanto, o que distingue a tática dos Black Blocs não é o recurso à força, tampouco o uso de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas e manifestações – ainda mais porque muitos Black Blocs já protestaram pacificamente sem qualquer equipamento. Na verdade, o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa inteiramente preta da tradição anarcopunk – e suas raízes históricas e políticas nos *Autonomens*, o movimento “autonomista” em Berlim ocidental, onde a tática Black Bloc foi empregada pela primeira vez no início dos anos 1980. ” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 40)

De acordo com o estudo de Dupuis-Déri (2014), os *Autonomens* praticavam uma política focada na igualdade, com a participação do grupo, sem um representante formal. A autonomia, seja individual ou coletiva, mostrava valor igualmente importante.

Uma vez que as táticas específicas e os rumos de atuação podem variar de acordo com cada contexto, o fator de adaptação é importante para entender o fenômeno. No entanto, mantém-se a ideia de destruição de símbolos do capitalismo. Em Seattle, por exemplo, durante a realização da Conferência da OMC (Organização Mundial do Comércio) em 1999, os Black Blocs tiveram como alvo principal as lojas Starbucks – maior rede de cafeterias do mundo e com sede na cidade. Já no Brasil, em 2013, as agências bancárias e concessionárias de automóveis foram os mais atingidos. A tática inclui ainda a formação em bloco e atuação no front das manifestações, com o intuito de proteger o centro da manifestação da atuação da polícia, e realização de uma “violência performática”.

Para Dupuis-Déri (2014), os Black Blocs atuam segundo princípios ligados à tradição política anarquista, como liberdade e igualdade. Esses princípios são divulgados em assembleias gerais, sem hierarquia específica, ou seja, Black Blocs não têm chefes, aparentemente, não há quem imponha uma vontade a um subordinado.

As principais organizações sociais democráticas (sindicatos trabalhistas, sindicatos rurais, federações feministas, partidos políticos de esquerda, entre outras) fazem uma passeata “unitária” supervisionada por unidades policiais vigorosas. Enquanto isso, diversos grupos militantes conduzem ações violentas. Os Black Blocs se organizam nessas ocasiões, às vezes marchando pacificamente, mas dispostos a recorrer à força física, dependendo do contexto e da sua força. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 53 -54).

Dupuis-Déri (2014) explica que as autoridades, em especial, políticas organizam eventos públicos para frisar o que são detentores da violência que, segundo ele, é o ponto forte para demonstrar que politicamente o grupo é forte. “As grandes cúpulas internacionais são exemplo disso, servem como oportunidades para que esses líderes reúnam milhares de policiais fortemente armados e bem visíveis” (Dupuis-Déri, p. 115). Em princípio, os Black Blocs não atacam centros comunitários, bibliotecas públicas ou mesmo pequenas empresas independentes. “Seus ataques se concentram contra os símbolos das grandes corporações, uma espécie de violência simbólica onde o alvo é a mensagem”. (Dupuis-Déri, p. 98).

O uso da força se justifica pelo fato de que o Estado, as grandes empresas e corporações exercem uma ação violenta muito maior sobre a sociedade do que qualquer ação que um manifestante possa fazer.

Dupuis-Déri (2014) afirma que os adeptos da tática usam a força contra as propriedades públicas e privadas como simbolismo e não como expressão pura de violência, pois os ataques representam a crítica às grandes corporações ou ao estado e tal crítica, em casos extremos, pode ser demonstrada pelo ato de destruir as mesmas.

## **5. BLACK BLOC NO BRASIL**

No Brasil, a tática foi registrada pela primeira vez durante as manifestações, que tiveram início em junho de 2013, mas que permaneceram durante todo o segundo semestre seguinte, até a metade de 2014, quando ocorreu a Copa do Mundo.

Durante as manifestações, uma extensa pesquisa publicada no livro *Mascarados (Geração Editorial)* por Esther Solano, professora de Relações Internacionais da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), mostrou que a maioria dos que aderiram a tática no país eram jovens que viviam nas periferias.

A maioria dos que aderiram à tática Black Bloc nas ruas de São Paulo o fez depois das manifestações de junho, motivados pelo que eles consideraram “ação policial excessiva contra os manifestantes”. Alguns tinham conhecimento prévio do significado do Black Bloc, mas uma boa parte só teve contato teórico e prático com essa realidade depois que começaram a circular na internet diversas informações sobre a tática como “resposta à ação policial de junho”. (SOLANO, 2014, p. 52).

Solano (2014) assegura que foram mais de 600 protestos em todo o Brasil. Milhares de pessoas participaram dos protestos motivados pelo atual Governo. A partir das queixas relativas ao transporte público, outras motivações apareceram como os problemas já conhecidos nas áreas da educação e da saúde. Percebeu-se que o Estado mostrava a força policial nas ruas.

Como aconteceu nos protestos de junho de 2013, e também nos protestos contra a Copa, em 2014, a repressão da polícia foi violenta. E, é justificada pelas autoridades – e por parte da imprensa – como resultado da ação dos manifestantes que usam a tática black bloc. De imediato a narrativa nas redes e a cobertura da imprensa são tomadas pela falsa oposição: a PM reage aos black blocs.

A origem periférica deles é um elemento essencial, porque o jovem de classe média não tem esta experiência tão dura com a PM. Alguns jovens me diziam: ‘Professora, na periferia a gente não tem como enfrentar eles, porque lá é bala mesmo, e a imprensa não está nem aí. Mas aqui, no centro, a gente desconta a raiva e pode enfrentar os abusos deles porque a bala é de borracha e a imprensa está aqui’. Portanto, eu diria que o estrato social de black blocs e policiais é muito parecido”. (SOLANO, 2014, p. 49)

No Brasil, as manifestações não saíram muito do padrão que a tática vem seguindo desde o seu surgimento na Alemanha Ocidental, ou seja, apesar de se posicionarem contra empresas e o governo o alvo foi também a polícia que utiliza da

força para intimidar e conter os manifestantes. Os Black Blocs também usaram a força e a violência para serem notados e provocar um debate sobre a situação atual do país, utilizaram a mídia, em especial, para expor a polícia na frente das câmeras. Uma via de mão dupla.

A depredação é performática. Tudo o que seja diferente disso não é Black Bloc. Pode levar a máscara, ir de preto, mas não é Black Bloc. Pode se dizer Black Bloc. Não é. Se depredar pequeno comércio, se queimar carro popular, ou tacar pedra numa pessoa caminhando pela rua, roubar, assaltar, não é Black Bloc. (SOLANO, 2014, p. 75).

Mais do que o vandalismo explícito está o simbólico, ou seja, as pressões com as quais temos que lidar no dia a dia. Conforme Solano (2014, p. 105): “Os crimes do Estado, do sistema, representam a violência real. A violência realizada pela tática é uma forma de chamar a atenção sobre aquela cometida pelo sistema”.

## 6. ANÁLISE DA REPORTAGEM

Segundo dados exibidos pelo Portal Universo Online (UOL), eles são pioneiros na produção de conteúdo noticioso para internet brasileira, atuando desde 1996. O UOL possui mais de 7,4 bilhões de páginas vistas todos os meses e sua home page recebe mais de 50 milhões de visitantes únicos por mês. Assim como todas as outras mídias, o portal UOL participou da cobertura das manifestações no primeiro semestre de 2013.

Entre tantas publicações sobre os Black Blocs, destacamos aleatoriamente, após pesquisa no Google, a reportagem intitulada “No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton”, publicada no dia 06 de dezembro de 2016. A matéria assinada pelo jornalista Hanrikson de Andrade é escrita em 86 linhas divididas em 16 parágrafos e composta apenas por uma imagem.

# No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton

Hanrikson de Andrade  
Do UOL, no Rio 06/12/2013 | 06h00

Figura 1: Título da reportagem publicada no Portal UOL

Como não existe manual de redação próprio para webjornalismo, adotaremos o Manual de Redação da Folha de S. Paulo como referência, pois o Portal UOL pertence ao grupo Folha de comunicação.

No Manual de Redação da Folha, é dito que os títulos são de extrema importância, pois grande parte dos leitores leem apenas este trecho, então, o título deve seduzir o leitor para ler a matéria. Entretanto, no caso dessa reportagem, se o leitor ler apenas o título, será levado a um pensamento talvez distorcido dos Black Blocs. É possível interpretar que os Black Blocs gerariam uma nova onda de manifestações a partir do evento organizado pelo ex-presidente americano Bill Clinton.



Fernando Frazão/ABr

**Manifestantes adeptos da tática black bloc tentam retomar a onda de manifestações no Rio de Janeiro**

**Figura 2: Foto e legenda da reportagem**

A foto vem logo abaixo do título, nela, vemos manifestantes supostamente adeptos da tática Black Bloc com uma bandeira que remete ao anarquismo. O manual de redação da Folha cita que a foto editada em destaque muitas vezes, assim como o título, é a única coisa que o leitor vê na página. Então, associando a foto ao título, o leitor pode ser levado a pensar que esses protestos são negativos, ou seja, a disposição impede que o leitor entenda o que realmente está acontecendo ou os motivos pelos quais eles protestam. A legenda também ajuda a reforçar essa ideia.

A jovem, que faz parte da FIP (Frente Independente Popular), afirmou ao **UOL** considerar "completamente natural" que "o movimento tenha seus altos e baixos". Para ela, outros dois fatores devem ser levados em consideração: as festas de fim de ano e o fato de que muitos manifestantes "abandonaram suas vidas" durante os últimos meses.

"Também tem a questão do final de ano, do Natal, Réveillon, férias. Muita gente do movimento meio que abandonou a vida. Eu fui uma dessas pessoas. Abandonei trabalho e vida pessoal. A gente está utilizando esse final de ano para se organizar. Vamos ter o aumento das passagens em janeiro, e isso vai ser um outro boom", disse ela.

### Figura 3: Trecho da reportagem referente à pesquisa realizada

Diferente das outras matérias publicadas sobre os Black Blocs pelo Portal UOL e já analisadas pelo grupo de pesquisa Nupentec, esta reportagem tenta, de uma certa forma, ouvir os dois lados, tanto de quem está no poder tanto de quem participa da tática. Porém o espaço destinado para essa fonte é muito pequeno, se comparado com o espaço destinado para polícia militar ou para o governo.

#### ENTENDA O BLACK BLOC

O "black bloc" ("bloco negro") não é um grupo específico de manifestantes, mas sim uma tática adotada por manifestantes que se dizem anarquistas.

- [Filosofia "black bloc" prega desobediência](#)
- [Vândalos estão sendo monitorados e investigados, diz Polícia Civil do Rio sobre black blocs](#)
- [Movimentação "black bloc" surpreendeu sindicatos e policiais](#)

### Figura 4 – Links presentes ao lado da reportagem

Outra evidência são esses títulos, sugeridos como hiperlinks. Percebe-se com a seleção das matérias é tendenciosa, assim como a reportagem em análise. Segundo Dupuis-Déri (2014), quando um Black Bloc entra em ação, a resposta da mídia costuma ser a mesma sempre. “Na mesma tarde ou na manhã seguinte, os editores, colunistas e repórteres falam mal dos arruaceiros dos Black Blocs, chamando-os de vândalos” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 20).

É possível perceber que a velocidade de produção do jornalismo online, as características de cada profissional e os interesses editoriais e políticos impedem o exercício das técnicas e interpretações que trariam um produto mais alinhado com a realidade. Tantas roupagens visam a permanência de sistemas culturais instituídos, de rotina e do próprio lucro.

Mas o essencial é que as preocupações comerciais, a busca do lucro máximo a curto prazo e a ‘estética’ daí decorrente impõem-se cada vez mais e mais amplamente ao conjunto das produções culturais. (BOURDIEU, 1930, p. 84)

Bourdieu (1999) chama a atenção para a violência simbólica. Suas evidências estão presentes a partir do momento em que os *mass media* passam a reproduzir um conceito que degrada a imagem da tática Black Block, sem ao menos se importar de fato em dar espaço para o grupo se defender. A reprodução passa a ser automática e a ideia de que Black Bloc é apenas um grupo de vândalos se perpetua sem sequer ouvi-los.

O produto de um trabalho social de nomeação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se um habitus, lei social incorporada”. (BOURDIEU, 1999, p. 122)

Ainda que a matéria analisada tente estabelecer uma ponte com a tática, não consegue abrir o mesmo espaço oferecido às autoridades. Na versão de esquerda da teoria Instrumentalista, defendida pelo linguista, filósofo e ativista político Noam Chomsky, as notícias são usadas como instrumentos a favor do sistema capitalista, ou seja, a imprensa estaria sob o interesse da elite política e econômica. Então, é possível evidenciar após a análise que é mais interessante para a imprensa favorecer o lado de quem está no poder pois isso pode lhe gerar vantagens e lucros.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propôs a análise da abordagem do Portal UOL perante a tática Black Bloc, por meio de reportagem publicada pelo portal em dezembro de 2013. Após o trabalho pode-se compreender que no geral, a cobertura do UOL fundamenta-se em reforçar a imagem negativa dos Black Blocs.

Percebe-se uma condução na notícia, a fim de deixar implícita a opinião do veículo e induzir o público. Bourdieu (1989) chama a atenção para este tipo de violência simbólica que se manifesta de forma invisível. Ainda que um ou outro detalhe possa incomodar, socialmente é interpretado como natural e, portanto, há uma reprodução e aniquilação de questionamentos. Os indivíduos aceitam por entenderem que aquilo faz parte das suas vidas.

Este tipo de violência é um passageiro sombrio em nossa sociedade. Constrói conceitos, influencia ideais e manipula desejos. Por isso, torna-se necessária a discussão sobre as consequências negativas que ações jornalísticas desta natureza, em especial no ambiente online. Torna-se necessário refletir de que modo seus impactos podem afetar as massas e leva-las a um ciclo vicioso.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Hanrikson de. “No Rio, 'black blocs' retomam agenda de protestos em evento que terá Bill Clinton”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/12/06/no-rio-black-blocs-retomam-agenda-de-protestos-apos-pausa-de-quase-2-meses.htm>. Acesso em: 20 set 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; 1989.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

FOLHA de S. Paulo. **Novo Manual de Redação**. São Paulo, 1996. Disponível em: . Acesso em 20.set.2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

PENA, Felipe. **Teoria Instrumentalista**. In: **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLANO, Esther. Parte 1: A Pesquisadora – Esther Solano Gallego. In: **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. Esther Solano, Bruno Paes Manso. Willian Novaes. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **As teorias de ação política**. In: **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2. ed, vol. 1, 2005.